

## JORNALISMO LITERÁRIO: ANÁLISE DA OBRA HIROSHIMA DE JOHN HERSEY

Adriana de Sousa Paz (UFAM/ICSEZ)<sup>1</sup>  
Ludyanne da Silva Ferreira (UFAM/ICSEZ)<sup>2</sup>  
Hellen Cristina Picanço Simas (UFAM/ICSEZ)<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva compreender as características utilizadas no Jornalismo Literário, no que tange à narratividade e aos recursos estilísticos presentes na obra Hiroshima, de John Hersey. Realiza-se uma discussão dos pressupostos teóricos do Jornalismo e da Literatura, referente às convergências e divergências das áreas em estudo, bem como propõe-se uma discussão sobre as influências do New Journalism no Jornalismo Literário. Para isso, foram utilizados autores como Felipe Pena (2006), Tom Wolf (1973), Marcelo Bulhões (2007). A metodologia aplicada parte de pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa. Os resultados apontam que a narratividade une Jornalismo e Literatura, assim como a escrita literária, como os recursos estilísticos aliados à escrita e ao método jornalístico formam o Jornalismo literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, literatura, convergências, John Hersey, Jornalismo literário.

**ABSTRACT:** The present article aims to understand the characteristics used in literary journalism, in relation to the narrative and stylistic resources present in John Hersey's Hiroshima, by discussing the theoretical assumptions of journalism and literature on convergences, as well as a discussion of The influences of the New Journalism, with regard to literary journalism. For this, we will use authors like Pena (2006), Tom Wolf (1973), Bulhões (2007). The applied methodology starts from a bibliographical research and qualitative research, since it had been realized readings and, consequently, discussed about literary journalism.

**KEYWORDS:** Journalism, literature, convergences, John Hersey, Literary journalism.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo (ICSEZ/UFAM). Faz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (Nepam/UFAM). E-mail: [adriana\\_sousap@hotmail.com](mailto:adriana_sousap@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo (ICSEZ/UFAM). Faz parte do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). E-mail: [Ludyanne.s.ferreira@gmail.com](mailto:Ludyanne.s.ferreira@gmail.com).

<sup>3</sup> Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB (2013); mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB (2009); graduação em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (2006). Professora efetiva do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Líder do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). Membro do programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas. Foi membro titular da Câmara de Assessoramento Científico/FAPEAM (2015-2016). E-mail: [india.parintintins@gmail.com](mailto:india.parintintins@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O Jornalismo e a Literatura, apesar de seu distanciamento de ideias, unem-se em meados dos séculos XIX e XX, tendo como base de convergência a narratividade. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva discutir as conjunturas teóricas de Jornalismo Literário, destacando as relações entre Literatura e Jornalismo, assim como pretende apresentar as influências do New Journalism no Jornalismo Literário. Faremos também a compreensão do livro-reportagem Hiroshima, de John Hersey, reimpresso pela editora Companhia das Letras em 2002, a partir da discussão de Jornalismo e Literatura, evidenciando a narratividade e os recursos estilísticos utilizados na escrita literária para *o fazer* jornalístico.

*A priori*, faremos a discussão teórica, apresentando as divergências e convergências entre Jornalismo e Literatura, com base nos estudos de Bulhões (2007), bem como as influências do New Journalism no tocante ao Jornalismo Literário. Em seguida, falaremos sobre o Jornalismo Literário, de acordo com Felipe Pena (2006). E no terceiro momento, faremos a compreensão da obra Hiroshima, de John Hersey no que tange à narratividade e aos recursos estilísticos, evidenciando as características do Jornalismo Literário.

A fundamentação teórica discute divergências e as convergências de Jornalismo e de Literatura, discutidas por Bulhões (2007) e acerca do Jornalismo Literário sob a perspectiva de Pena (2006). Além de Wolf (1995), Lima (2002), Fiorin (2007). Dessa forma, a metodologia aplicada parte de pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa, uma vez que foram realizadas leituras e, conseqüentemente, a discussão sobre o Jornalismo Literário.

O presente estudo se justifica porque gostaríamos de aplicar os conhecimentos adquiridos na disciplina Jornalismo e Literatura do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, ministrada pela professora Doutora Hellen Cristina Picanço Simas, bem como pelas poucas pesquisas no que diz respeito as novas formas de produção jornalísticas, especificamente, ao Jornalismo e a Literatura, buscando a compreensão do Jornalismo Literário.

## JORNALISMO E LITERATURA: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

O Jornalismo é a área da comunicação em que se utiliza técnicas como a coleta, investigação e análise de informações para a produção e distribuição de notícias. O repórter é “responsável” por levar informações ao público. Cabe a ele levar ao leitor os vários ângulos de uma matéria, fatos que afetam a sociedade.

Segundo Mauro Wolf, autor do livro *Teorias da Comunicação* (1995), os critérios que nomeiam a notícia se apresentam em dois fatores, são eles: a importância do fato e o interesse da história.

A prática jornalística se divide em quatro áreas – impresso, telejornalismo, rádiojornalismo e webjornalismo. O texto jornalístico, seja em qual for a área, deve ser claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. Autores como Rodolfo de Lima esclarecem que “são normas universais, de absoluto consenso em TV, rádio, internet, jornal ou revista. Algumas regras, no entanto, devem ser seguidas em cada veículo para que a missão de conquistar o telespectador, ouvinte ou leitor seja alcançado” (LIMA, 2002, p. 95).

A Literatura, por outro lado, busca levar o leitor a construir um mundo fictício no qual ele próprio pode se inserir naquele contexto, utilizando-se de uma linguagem rebuscada, fantasiosa, estética e expressiva. A Literatura durante séculos satisfaz as fantasias dos seres humanos. Por meio dos textos literários, era possível que os leitores não se limitassem ao “mundo real”. Apresentando dessa forma, uma realidade de uma vivência ficcional, seguindo uma sequência de eventos escritos. A literatura:

[...] nem chega a representar a realidade, mas recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual. Essa é uma distinção fundamental entre o texto literário e textos de outro caráter, científico, teórico, filosófico. E, claro, jornalístico (BULHÕES, 2007, p. 14-15).

O autor esclarece que a linguagem literária não seria simplesmente um meio pelo qual se passa a informação ao leitor, como no Jornalismo, mas uma forma de linguagem rica em expressividade, na qual o leitor tem a oportunidade de viver a experiência estética dos textos literários, ou seja, as emoções sentidas no momento da leitura (raiva, tristeza, felicidade, amor, solidão etc). Na literatura,

A linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções. Nesse sentido, se há para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem. [...] Com isso, vem a constatação de que a razão de ser na literatura não é exatamente a comunicação (BULHÕES, 2007, p. 12).

Dessa forma, a linguagem literária foge dos parâmetros jornalísticos, no que tange aos aspectos estéticos. Um ponto essencial de encontro entre as duas vertentes se dá pelo texto narrativo, sendo aquele que relata as mudanças progressivas de estado que ocorre com as

pessoas e as coisas através do tempo. Nesse sentido, o autor José Luiz Fiorin esclarece que “esse tipo de texto, os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade ou de posterioridade” (FIORIN, 2007, p. 04).

Para Marcelo Bulhões (2007), o Jornalismo e a Literatura trabalham como agentes de conhecimento do mundo, mas de formas diferentes. Na Literatura, a forma de adquirir o conhecimento de mundo seria por meio fictício, imaginário. Porém, no jornalismo, Bulhões afirma que “a qual não é necessariamente menos ‘verdadeira’ que a alternativa jornalística”. (BULHÕES, 2007, p. 40).

Dessa forma, no próximo tópico será explanada a composição dos recursos estilísticos, uma vez que, ao utilizar tais propriedades da língua para construir narrativas expressivas, emocionantes, que retrate a realidade de uma forma criativa, estamos perante ao uso de recursos estilísticos.

## RECURSOS ESTILÍSTICOS E SUA DEFINIÇÃO

Recursos estilísticos podem ser entendidos como o reforço para tornar uma mensagem mais criativa e original, mesmo que fugindo dos padrões normais da gramática normativa. Atribuindo em algumas situações significados diferentes daquelas palavras que já conhecemos. Esses desvios da gramática normativa e esses novos sentidos que atribuímos às palavras possuem uma função estilística, recurso conhecido como figuras de linguagem. As figuras de linguagem são divididas nas seguintes categorias:

a) **A nível fônico:** aliteração, assonância, onomatopeia, paronomásia, rima, ritmo; b) **A nível morfossintático:** anacoluto, anadiplose, anáfora, anástrofe, assíndeto, diácope, disjunção, eclipse, enumeração, gradação, hendíadis, hipérbato, metalepse, paralelismo, pleonasma, paralelismo, pleonasma; polissíndeto, quiasmo, reduplicação (epizeuxe), silepse, sínquise, zeugma; c) **A nível semântico:** alegoria, alusão, animismo, antanáclase, antífrase, antítese, antonomásia, apóstrofe, comparação, disfemismo, epifonema, eufemismo, exclamação, hipálage, hipérbole, imagem, interrogação retórica, ironia, litete, metáfora, metonímia, oximoro, paradoxo, perífrase, personificação (prosopopeia), sinédoque, sinestesia (ROCHA, Maria Regina, 2001, grifos nossos).

As figuras de linguagem, segundo o estudioso da linguagem Francis Vanoye (2002), são uma maneira de aprimorar a forma de como o indivíduo pensa, tal como compreensão, reflexão e análise, tornando o uso da linguagem de forma que alcance o resultado desejado,

aperfeiçoando o comportamento intelectual. Dessa forma, tal vertente da língua serve para tornar a mensagem mais eficiente.

Nesse sentido, apresentados os recursos estilísticos, no tópico seguinte serão discutidos os pontos de convergência entre Jornalismo e Literatura.

## **A NARRATIVIDADE COMO UM PONTO DE CONVERGÊNCIA ENTRE LITERATURA E JORNALISMO**

Deve parecer estranho a nós, atuais leitores de jornal, que significativa parcela do espaço do jornalismo tenha sido ocupada pela fantasia mais desgovernada, pela ficção mais escancarada. [...] No século XIX e início do XX, muitas páginas de grandes jornais faziam conviver pacificamente as narrativas que representam o mundo dos chamados fatos verídicos com as narrativas de um mundo imaginado (BULHÕES, 2007, p.83).

A narratividade é um ponto de convergência entre o Jornalismo e Literatura, pois ambas usam de sequência temporal para descrever os acontecimentos diários. Os textos publicados nos jornais do século XIX continham a mistura do texto literário e jornalístico. A escrita jornalística se adaptou à escrita literária. Sendo assim, o autor Tzvetan Todorov, afirma que:

A narrativa literária, que é uma palavra mediatizada e não imediata e que sofre, além disso, os constrangimentos da ficção, só conhece uma categoria “pessoal” que é a terceira pessoa, isto é, a impessoalidade. O que diz *eu* no romance não é o *eu* no discurso (TODOVIC, 2006, p. 72).

Já a escrita jornalística diferencia-se pelo compromisso com a objetividade, como destaca os autores Sodré e Ferrari (1986, p. 9): “com personagens, ação dramática e descrições de ambiente - separada, entretanto por seu compromisso com a objetividade informativa”.

A objetividade no Jornalismo é um dos critérios de noticiabilidade, que seria um conjunto de elementos pelo qual se faz necessário para “selecionar” o que se tornará notícia, o que sairá nos jornais. Sodré e Ferrari destacam ainda que:

A narrativa não é um privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder [...] constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura e na ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano (SODRÉ&FERRARI, 1986, p. 11).

Bulhões (2007) acrescenta que a confluência entre Jornalismo e Literatura, relacionada à narratividade, atinge os gêneros narrativos. O autor esclarece que “no caso da literatura, os gêneros convocados são, fundamentalmente, o romance e o conto. No caso do Jornalismo, a notícia e a reportagem” (BULHÕES, 2007, p. 42). O citado autor esclarece ainda tais convocações dos gêneros narrativos:

E parece haver nos atributos do conto algo que se cruza com os gêneros narrativos essenciais do jornalismo: a notícia e a reportagem. Afinal, a brevidade narrativa parece ter sido uma das grandes conquistas do desenvolvimento textual do jornalismo na modernidade. A notícia estrita, ou seja, o mero anunciar do acontecimento, é a forma da máxima condensação jornalística, marcada por uma rigorosa seleção de unidades verbais com vistas à maior potência informativa. [...] É na reportagem que os frutos do conto podem render mais. É claro que a reportagem é sempre uma modalidade de notícia. Mas tratando de modalidade ampliada, tem como uma de suas possibilidades de realização a progressão narrativa, na qual se dá o processamento de uma mudança de estados no tempo. (BULHÕES, 2007, p 42).

A convergência entre Jornalismo e Literatura, durante muitos anos, serviu para dar voz às mudanças sociais da época. Por meio das narrativas literário-jornalísticas, foi possível uma disseminação de ideias. Aproximando-se do início do século XX, Literatura e Jornalismo passam a ter ruptura em sua base se tornando avessa uma a outra.

Nesse sentido, surge na época um movimento considerado “radical”, o Naturalismo, representado nas ideias do escritor Émile Zola. No próximo tópico, será discutido o início do Naturalismo e do *New Journalism* ou Novo Jornalismo.

## **NATURALISMO E O *NEW JOURNALISM***

O final do século XVII e início do XIX foi considerado o ápice da Literatura Ocidental, pois se vivia no período do Romantismo, em que a imaginação era um dos atributos da criação literária, uma vez que o artista era considerado diferente de outras pessoas, um ser especial, dotado de atributos artísticos, de uma sensibilidade única.

Após o período romântico, surge o Realismo, que quebra com os parâmetros do romantismo. Para Bulhões (2007, p. 63), o Realismo “nome que carrega em si a empreitada de desfazer o véu que encobria as iniquidades sociais e a pretensão de construir uma literatura e uma arte calcadas na observação do mundo objetivo, em uma realização neutra e imparcial”.

Os dois períodos fizeram com que a Literatura passasse por grandes mudanças na sua totalidade, um período marcado pelo auge da Literatura e outro por um ataque explosivo sobre a imaginação, o principal fator do romantismo. Contudo, algo que abalaria de vez a história da Literatura viria anos depois com o escritor Émile Zola.

Em meados da metade do século XIX, o citado escritor surge com traços para o início do período Naturalista. Para o escritor, a Literatura se aproxima da prática científica e a prática literária deveria se espelhar em métodos científicos para atingir uma compreensão sobre o homem. Nesse sentido, Bulhões afirma que o escritor Naturalista deveria trabalhar assim:

[...] O escritor naturalista deveria trabalhar como se realiza uma experiência: depois de observada a vida social, dispor personagens em um campo de ação no qual suas relações demonstrem a validade dos fenômenos observados na vida concreta. Em tal atitude, estariam eliminadas as visões ingênuas e enganosas que representariam um entrave ao desenvolvimento da vida social. Zola buscava compatibilizar, pois, uma concepção cientista e uma consciência socióloga do homem (BULHÕES, 2007, p. 65)

Para Zola (1982), o escritor deveria ser ativo e aventureiro, sair às ruas, visitar os locais que fariam parte da narrativa, vivenciar o momento para qual irá escrever. Somente dessa forma a narrativa teria uma consistência “real”, ao que é equiparado ao Jornalismo Gonzo nos dias atuais. Essas ideias, segundo Bulhões,

Baseadas em procedimentos de apuração rigorosa dos dados da realidade seria, em outros contextos, disseminado e reprogramado. [...] No século XX, o legado de Zola é reconhecível na prática da grande reportagem e do romance-reportagem, sobretudo com as realizações da vertente do *New Journalism* (BULHÕES, 2007, p.71).

Desde a criação do *New Journalism* americano, de Tom Wolf, Gay Talese, Truman Capote, por exemplo, surgiram outras vertentes como o romance-reportagem, Jornalismo literário, Gonzo Journalism.

O *New Journalism*, gestado na década de 60, decorrente de manifestações de contracultura: o movimento *hippie*, contesta valores conservadores, afetando não somente o âmbito social e político, mas também no âmbito artístico e cultural.

De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram os anos 60. (...) De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfretamento diante da

ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. (...). Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social (PEREIRA, 1992, p. 20).

O movimento visa transformações de valores, consciência e comportamento, tendo o homem como centro para existência de toda uma sociedade e não o contrário. E jornalistas com poucos espaços para humanizar seus relatos, possível somente à reportagem, encontram uma base para mudar as regras que já estão pré-estabelecidas. Essa visão humanista do movimento possibilita uma nova forma de escrever, ligados a técnicas da Literatura.

O Novo Jornalismo nasce com a vontade do jornalista em escrever um romance, o dito *Sonho Americano*. Expressão utilizada para os indivíduos que queriam ser bem-sucedidos, ricos se trabalhassem duro e isso era a vontade de todo o jornalista na época. Só que os criadores do formato não imaginavam que transformariam o fazer jornalístico tradicional e muito menos que os leitores iriam gostar.

Duvido que muitos dos que irei citar neste trabalho tenham se aproximado do jornalismo com a menor intenção de criar um novo jornalismo, um jornalismo melhor, ou uma variedade ligeiramente evoluída. Sei que jamais sonharam que nada do que escrevesse para jornais e revistas fosse causar tal estrago no mundo literário... provocar pânico, roubar da novela o trono de maior dos gêneros literários, dotar a literatura norte-americana de sua primeira orientação nova em meio século... (WOLF, 1976, p. 9).

A reportagem era o único meio que os jornalistas podiam ousar, utilizando uma linguagem que fugia do formato notícia, mas era desvalorizado. No *New Journalism*, podiam utilizar tons de diálogo, adjetivos e até refrão, sem fugir dos aspectos da realidade. Eram autores de não-ficção, mesmo utilizando-se de técnicas literárias. E assim surge o Jornalismo Literário, na influência da Literatura com a realidade social. Contar os fatos sem isentar do caráter informativo.

O Jornalismo Literário possibilita o autor acompanhar a fonte para a melhor compreensão do assunto, contando de forma que o leitor acredite no que se está lendo. Esses novos formatos tornam possível descrever os fatos jornalísticos o mais próximo do real possível, geralmente, está em terceira pessoa. Dessa forma, os autores unem Jornalismo e Literatura, dando forma aos novos moldes de produção jornalística.



## SOBRE A OBRA E AUTOR

Hiroshima fora lançada em 1946 pela *The New Yorker*. Primeiramente, o objetivo era somente uma matéria que seria publicada em quatro edições separadas, no entanto, os idealizadores dedicaram a edição de 31 de agosto de 1946 à história de John Hersey.

John Hersey, jornalista e escritor, além de Hiroshima, escreveu *The Wall*, um romance que fala sobre o Gueto de Varsóvia, o maior gueto judeu no período do holocausto. Trabalhou na *Time* e *Time's Chungking bureau*, assim como escreveu para a *Life* e *The New Yorker*. Ganhou o *Pulitzer Prize for the Novel* em 1945. Faleceu em 1993, na Flórida.

Em Hiroshima, *Toshiko Sasaki*, o reverendo *Kiyoshi Tanimoto*, a Sra. *Hatsuyo Nakamura*, o Dr. *Masakazu Fujii*, o padre alemão *Wilhelm Kleinsorge* e o Dr. *Terufumi Sasaki* são os personagens centrais da história, em que Hersey conta sob a perspectiva dos seis sobreviventes e a que distância estavam do epicentro da explosão. Dessa forma, todo o relato é desenvolvido a partir de suas lembranças e das suas percepções da tragédia.

Mais tarde, a publicação dividida em 4 capítulos se tornou livro. As edições mais recentes são compostas por um capítulo extra, escrita por John Hersey, 40 anos após a reportagem original. Assim, o jornalista conta sobre a explosão da bomba atômica em Hiroshima a partir dos depoimentos de 6 personagens e relata, no último capítulo, as consequências nas vidas dessas pessoas quarenta anos depois da explosão.

A obra está dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro intitulado *Um clarão silencioso*, o segundo *O fogo*, o terceiro *Investigam-se os detalhes*, o quarto *Flores sobre ruínas* e o quinto *Depois da catástrofe*, que serão descritas a seguir na análise. Sendo que alguns dos trechos do livro Hiroshima serão dos seis sobreviventes para a melhor compreensão dos fatos.

## ANÁLISE DO LIVRO-REPORTAGEM “HIROSHIMA” DE JOHN HERSEY

O livro-reportagem retrata a história de seis hibakusha<sup>4</sup> da bomba atômica em Hiroshima, um ano depois da explosão e quarenta anos mais tarde. O primeiro capítulo inicia no dia que a bomba explodiu em Hiroshima, contando sobre os afazeres da vida das seis vítimas.

No dia 6 de agosto de 1945, precisamente às oito e quinze da manhã, hora do Japão, quando a bomba atômica explodiu sobre Hiroshima, a Srta. Toshiko Sasaki, funcionária da Fundação de Estanho do Leste da Ásia, acabava de sentar-se a sua mesa, no departamento de pessoal da fábrica, e voltava a cabeça

---

<sup>4</sup> Sobreviventes do bombardeio

para falar com sua colega da escrivania ao lado. Nesse exato momento o Dr. Masakazu Fujii se acomodava para ler o *Asahi* de Osaka no terraço do seu hospital particular, suspenso sobre um dos sete rios deltaicos que cortam Hiroshima; a Sra. Hatsuyo Nakamura, viúva de um observador, da janela de sua cozinha, a demolição da casa vizinha, situada num local que a defesa aérea reservara às faixas de contenção de incêndios; o padre Wilhelm Kleinsorge, jesuíta alemão, lia a *Stimmen der Zeit*, revista da Companhia de Jesus, deitado num catre, no terceiro e último andar da casa da missão de sua ordem; o dr. Terufumi Sasaki, jovem cirurgião, caminhava por um dos corredores do grande e moderno hospital da Cruz Vermelha local, levando uma amostra de sangue para realizar um teste de Wassermann\*; e o reverendo Kiyoshi Tanimoto, pastor da Igreja Metodista de Hiroshima, parava na porta de um riacho de Koi, bairro do oeste da cidade, para descarregar um carrinho de mão cheio de coisas que resolvera transferir para ali por temer o maciço ataque dos B-29, que a população aguardava (HERSEY, 2002, p.5).

E logo em seguida, “uma centena de milhares de pessoas foram mortas pela bomba atômica, e essas seis são algumas das que sobreviveram” permite identificar o narrador em terceira pessoa rememorando as ações, falas, sentimentos no decorrer da obra sob a perspectiva dos seis personagens. Assim, é possível construir a história de como ocorreu o ataque, a sobrevivência e o depois alguns anos por meio de entrevistas com os sobreviventes.

A junção de Jornalismo e Literatura acontece por meio da narratividade. A sequência da história no texto segue uma cronologia, permitindo, assim, a temporalidade, ou seja, permite que se entenda a história mesmo que os fatos mudem de um estado para outro, de acordo com Bulhões (2007).

Nesse sentido, mesmo o livro sendo dividido em cinco capítulos que contam sobre diferentes situações, há um entendimento do todo, desde a explosão e os quarenta anos após a tragédia. O primeiro capítulo inicia contando sobre a vida dos sobreviventes no dia que “um imenso clarão cortou o céu”. Contempla os antecedentes ao dia da explosão: “nos dias imediatamente anteriores à explosão, o próspero, hedonista então pouco ocupado Dr. Masakazu Fujii se dera ao luxo de dormir até as nove ou nove e meia...” (HERSEY, 2002, p. 10) e também durante a explosão da bomba, de imediato, e os pensamentos referentes ao que se sucederá.

Ao ver o terrível clarão — que, diria mais tarde, lembrou-lhe uma história que lera na infância, sobre a colisão de um meteoro imenso com a Terra—, teve tempo (pois se encontrava a 1260 metros do centro) para um único pensamento: uma bomba caiu em cima de nós. Então perdeu os sentidos por alguns segundos ou minuto (HERSEY, 2002, p. 12)

O segundo capítulo *O Fogo*, relata sobre “após a explosão”, a qual assolara a cidade, as atitudes, sentimentos, as perguntas sobre o que acontecera se passam sob a perspectiva dos sobreviventes e esforço na tentativa de se salvar no Parque Asano.

Do topo do outeiro contemplou um panorama espantoso. Não só uma parte de Koi, como esperava, mas toda a área de Hiroshima que conseguia vislumbrar atrás da névoa desprendia um espesso e pavoroso miasma. Nuvens de fumaça, próximas e distantes, despontavam pouco a pouco por entre a poeira. O reverendo se perguntou como um céu silencioso poderia ter causado tanta destruição: não se deixaria de ouvir nem mesmo uma pequena esquadrilha, voando alto. As casas das redondezas ardiem em chamas, e, quando gotas de água imensas, do tamanho de bolinhas de gude, começaram a cair, ele imaginou que provinham das mangueiras que os bombeiros estariam usando para combater os incêndios. (Na verdade eram gotas de uma mistura condensada que caíam da turbulenta torre de poeira, calor e fragmentos de fissão que já se erguera no céu, milhares de metros acima de Hiroshima) (HERSEY, 2002, p. 16).

A riqueza de detalhes no decorrer do parágrafo permite entender que a apuração de Hersey fora profunda, possibilitando dar pequenos detalhes do que acontecera. Segundo Patrícia Nascimento no livro *Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia*,

Além de trazer mais ‘pessoalidade’ ao texto, os recursos estilísticos conferem à redação maior expressividade e, não raro, maior carga informativa, uma vez que são capazes de dotar a escrita de singularidade e propiciar maior envolvimento por parte do leitor (NASCIMENTO, 2009, p. 104).

Os recursos de linguagem utilizados pelo escritor que unem Jornalismo e Literatura dão liberdade para deter a atenção do leitor e passar mais verossimilhança à narrativa. Verifica-se a utilização de técnicas da Literatura e do Jornalismo convencional.

No tocante às representações de diálogos, o autor pouco se utiliza de diálogos, predominando a descrição e a narração que retratam o cenário e os acontecimentos, possibilitando a confluência entre factualidade e literariedade.

A Sra. Nakamura deixou Myeko de lado, já que a caçula ao menos conseguia respirar, e num esforço frenético passou a escavar o entulho que abafava as vozes. Quando as crianças estavam dormindo, havia entre elas um espaço de aproximadamente três metros, mas agora suas vozes pareciam vir do mesmo lugar. Toshio devia ler alguma liberdade de movimentos, pois procurava remover tábuas e telhas, enquanto a mãe se esfalfava na superfície. Finalmente ela o avistou e, agarrando-o pela cabeça, puxou-o para cima. Um mosquito se enredara nos pés do menino, como se os embrulhasse cuidadosamente. Toshio contou que fora jogado para o lado oposto do quarto e caíra sobre os destroços que soterraram Yaeko. A menina disse que não podia se mexer, pois

alguma coisa prendia as pernas. A Sra. Nakamura escavou mais um pouco, abriu um buraco e pegou a filha pelo braço. "*Itai! Está doendo!*", Yaeko gemeu. "Agora não dá tempo de dizer se dói ou não", a mãe gritou, puxando-a para cima. E em seguida libertou Myeko. As crianças estavam sujas e apresentavam algumas contusões, mas nenhum corte (HERSEY, 2002, p. 17).

De acordo com Nascimento (2009), os recursos estilísticos mais utilizados na prática jornalística são a ironia, metáfora, metonímia e antítese. No trecho a seguir, o autor se utiliza da ironia, depois da metáfora, vejamos:

Uma vizinha, apavorada, a Sra. Hataya, convidou-a a fugir para os bosques do parque Asano uma propriedade não muito distante, às margens do rio Kyo, pertencente à rica família Asano, que já fora dona da companhia de navegação Toyo Kisen Kaisha. **O parque havia sido designado para servir de "área segura" para a população do bairro** (HERSEY, 2002, p. 18, grifos nossos).

Logo depois da explosão, enquanto o padre Wilhelm Kleinge, C. J., vagava pela horta em trajes íntimos, o superior LaSalle dobrou a esquina do prédio, envolto nas trevas. Sangrava pelo corpo inteiro, sobretudo nas costas: ao ver o clarão, afastara-se da janela e recebera uma **chuva de estilhaços de vidro**. Ainda confuso, o padre Kleinsorge conseguiu perguntar: "Onde estão os outros?" (HERSEY, 2002, p. 18, grifos nossos).

Outros recursos, não menos importantes, também se fazem presentes na obra, tais como os recursos sonoros como onomatopeia, hipérbole e personificação. Nos trechos abaixo, o autor se utiliza de hipérbole e onomatopeia, respectivamente.

A princípio o Dr. Fujii avistou apenas dois incêndios: um no esquerdo do rio, onde seu hospital se situara, e outro bem mais ao sul. Contudo, os dois médicos observaram ao mesmo tempo algo que os deixou pasmos: embora houvesse ainda poucos incêndios, pessoas feridas atravessavam a ponte **num desfile interminável de desgraças**, e muitas exibiam **queimaduras horrendas** nos braços. (HERSEY, 1914, p. 20, grifos nossos).

Por fim, embaixo do que fora outrora um dos cantos da cozinha, avistou a cabeça da Sra. Hoshijima. Julgando-a morta, puxou-a pelo cabelo, mas de repente ela gritou: "*Itai! Itai! Está doendo! Está doendo!*". O jesuíta escavou um pouco mais e içou-a. Conseguiu também localizar a filha e resgatá-la. Nenhuma das duas apresentava ferimentos graves (HERSEY, 2002, p.19, grifos nossos).

No terceiro capítulo, *Investigam-se os detalhes*, o autor relata sobre os rumores do que acontecera, bem como os hibakusha procuravam se ajudar, prestar socorro e conforto uns aos outros, enquanto o Governo japonês tentava dá suporte aos sobreviventes e aos mortos.

No dia da explosão, ao anoitecer, uma lancha da marinha japonesa percorreu lentamente os sete rios de Hiroshima, parando ali e acolá para transmitir um aviso — junto aos bancos de areia, onde centenas de feridos jaziam em meio à multidão; junto às pontes, onde outros tantos se aglomeravam; e por fim, quando escureceu, junto ao parque Asano. De pé na embarcação, um jovem oficial gritava, com a ajuda de um megafone: "Paciência! Um navio-hospital já vem cuidar de vocês!". O contraste da lancha em perfeita ordem com a devastação reinante no outro lado do rio, o jovem tranqüilo (SIC) em seu uniforme impecável e principalmente a promessa de ajuda médica — a primeira palavra de socorro concreto que se ouvia depois de quase doze horas de horror — animaram muito as pessoas que se concentravam no parque (HERSEY, 2002, p. 33).

Cita também o ataque a Nagasaki.

Na manhã de 9 de agosto, às onze horas e dois minutos, a segunda bomba atômica foi lançada sobre Nagasaki. Os sobreviventes de Hiroshima demoraram alguns dias para tomar conhecimento do fato, pois a rádio e a imprensa japonesas estavam sendo extremamente cautelosas em relação à estranha arma (HERSEY, 2002, p.43).

E, assim, no que tange ao estilo de Hersey, enquanto produção jornalístico-literária em Hiroshima, o autor *in loco* objetivava realizar quatro edições de reportagem para o *The New York Times*, mas pelo estilo descritivo a partir de depoimento dos personagens, criando assim o perfil dos personagens e a composição do cenário, assim como percepções, sentimentos, permitiu a construção da narratividade, em que estão inseridos os personagens em processo de mudança, desde o momento do ataque e 40 anos depois. “É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade” (BULHÕES, 2007, p. 45). A partir disso, há a construção para o livro.

O autor compõe a história do ataque em Hiroshima da premissa de conversas com os entrevistados/sobreviventes. Dessa perspectiva permite ao leitor ter um panorama geral da cidade de Hiroshima. Abaixo seguem trechos dos seis personagens que se encontravam em lugares diferentes.

No hospital da Cruz Vermelha o Dr. Sasaki trabalhou por três dias seguidos com apenas uma hora de sono. No segundo dia começou a suturar os cortes mais graves, e ao longo de mais de trinta horas não fez outra coisa senão dar pontos. Muitos ferimentos haviam infeccionado. Felizmente alguém encontrara um estoque intacto de *narucopon*, um sedativo japonês, e assim o médico aliviou a dor de numerosos pacientes (HERSEY, 2002, p. 42).

No dia 8 de agosto, antes do amanhecer, alguém entrou no quarto do Noviciado onde o padre Kleinsorge dormia, e acendeu a lâmpada que pendia do teto. A súbita claridade fez o jesuíta pular da cama, pronto para receber um novo choque. Quando entendeu o que havia acontecido, ele riu, envergonhado, e voltou para a cama, onde permaneceu até a manhã seguinte (HERSEY, 2002, p. 42)

No dia 9 de agosto o Sr. Tanimoto ainda estava trabalhando no parque. Foi até o bairro de Ushida, onde sua mulher se encontrava em casa de amigos, e pegou uma barraca que havia guardado ali, antes da explosão. Levou-a para o parque e montou-a para abrigar algumas vítimas que não podiam se mexer nem ser removidas (HERSEY, 2002, p. 43).

Os jesuítas acomodaram cerca de cinquenta refugiados na capela do Noviciado. O reitor lhes dispensou todos os cuidados médicos de que dispunha — e que em geral se resumiam à limpeza do pus. Cada integrante da família Nakamura ganhou um cobertor e um mosquiteiro. A Sra. Nakamura e sua caçula não tinham apetite e nada comeram; o menino e a outra filha devoraram — e vomitaram todas as refeições que lhes serviram (HERSEY, 2002, p. 43).

No dia 10 de agosto, tendo tomado conhecimento de que o Dr. Fujii estava ferido e se instalara na casa de veraneio de um amigo chamado Okuma, no vilarejo de Fukawa, o padre Kleinsorge pediu ao padre Cieslik que fosse até lá informar-se sobre o estado do médico (HERSEY, 2002, p. 44).

No dia 11 de agosto o Hospital Militar de Ninoshima recebeu a informação de que um grande número de vítimas do quartel regional do exército de Chugoku estava para desembarcar na ilha e era preciso remover todos os pacientes civis. A srta. Sasaki, que ainda apresentava uma febre assustadoramente alta, foi levada para um navio, onde a acomodaram no convés, com um travesseiro sob a perna (HERSEY, 2002, p. 45).

A partir da visão dos seis personagens, o autor permite que o leitor tenha um apanhado geral de Hiroshima. Permite construir a linguagem cinematográfica, na qual possibilita que o leitor possa imaginar as consequências da explosão, como os personagens se encontram, detalhes minuciosos proporcionam a imaginação do cenário. E essa linguagem dá mais credibilidade ao que o autor está escrevendo, até porque há o lado humanizado. Nos sentimos afetados pelo o que ocorreu. Nos colocamos no lugar daquelas vítimas.

E a partir das seis perspectivas, possibilita ao leitor uma visão da realidade, como se fosse o “espelho do real”. Hersey se coloca em uma posição de neutralidade do discurso, como se a história narrasse a si mesma, como se não houvesse intervenção de um narrador. E assim, é possível ao leitor construir a sua perspectiva do que ocorreu, com os detalhes que John compõe o livro.

O quarto capítulo, *Flores sobre ruínas*, abarca questões das semanas após a explosão no diz respeito à tentativa de reconstrução de vida dos sobreviventes, simultaneamente em que

sentem e sofrem com os efeitos da radiação, assim como as condições de saúde pelo qual se adaptavam no que se refere a uma vida normal.

Em 18 de agosto, doze dias depois da bomba, o padre Kleinsorge saiu do Noviciado, com sua maleta de papel machê, e rumou, a pé, para o centro de Hiroshima. Começara a achar que essa maleta, onde guardava seus objetos de valor, tinha um poder talismânico, por causa da maneira como a encontrara após a explosão, na entrada de seu quarto, com a alça para cima, enquanto a escrivaniha sob a qual a escondera se despedaçara (HERSEY, 2002, p. 49).

Em 26 de agosto a Sra. Nakamura e sua caçula, Myeko, acordaram extremamente fracas, cansadas e ficaram deitadas no chão. O menino e a outra filha, que artilharam todas as suas experiências durante e após a explosão, estavam bem (HERSEY, 2002, p. 50).

Mais ou menos no mesmo período, o Sr. Tanimoto — ele trabalhava tanto para arrumar um santuário provisório, numa casa particular que alugara na periferia, que perdera a noção do tempo — sentiu subitamente um mal-estar generalizado, fraqueza e febre, e também ficou deitado no chão, na casa semidestruída de um amigo, no bairro de Ushida (HERSEY, 2002, p. 50).

A srta. Sasaki penava na escola primária Deusa da Misericórdia, em Hatsukaichi, a quarta estação do trem elétrico, a sudoeste de Hiroshima. Uma infecção interna ainda impedia o tratamento adequado da fratura exposta em sua perna esquerda (HERSEY, 2002, p. 50).

No hospital da Cruz Vermelha a srta. Sasaki fora entregue aos cuidados do Dr. Sasaki. Então, um mês depois da explosão, algo semelhante à ordem se estabelecera no hospital; isso significava que os pacientes ao menos tinham esteiras para dormir, embora ainda ocupassem os corredores, e que o estoque de remédios, esgotado nos primeiros dias, fora repostado, embora inadequadamente, por contribuições de outras cidades (HERSEY, 2002, p. 51).

O autor continua a oferecer ao leitor a perspectiva geral do que ocorre a partir do depoimento dos sobreviventes.

E o último capítulo *Depois da Catástrofe*, Hersey o escreveu após 40 anos em que conta a vida das seis pessoas sobreviventes e de que forma a vida deles mudou desde o ataque de agosto de 1945.

Depois da leitura do livro como um todo, de acordo com o artigo de Felipe Pena intitulado *Jornalismo Literário como gênero e conceito*, o *Jornalismo Literário* apresenta características, uma estrela de sete pontas que:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os

definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 6-7).

Aplicando no livro-reportagem de Hersey, a estrela de sete pontas está presente na obra, uma vez que utilizou das técnicas do Jornalismo, pois partiu de um fato que comoveu e chocou o mundo, aplicando técnicas narrativas do jornalismo, ampliando-as. Não fica preso ao *lido*, tanto que inicia sobre o que os sobreviventes estavam fazendo antes da explosão. Não se vê citações de definidores primários, somente a partir da perspectiva dos sobreviventes.

A apuração é aprofundada, partindo de depoimento dos sobreviventes, observando, tendo uma abordagem cautelosa. A escrita é clara, concisa, objetiva, expressando nitidamente o que ocorreu no momento da explosão e os acontecimentos após, assim como sentimentos, percepções e sentidos. Rompeu com a periodicidade e atualidade do jornalismo diário, mesmo que tenha iniciado de uma matéria de 4 edições para *New York Times*, transformando em livro e, no último capítulo, Hersey voltara à Hiroshima depois de 40 anos para contar sobre a vida e consequências dos seis sobreviventes à bomba, assim possibilitando ao leitor uma visão abrangente do que ocorrera em Hiroshima, mostrando ao mundo as sequelas, o momento da explosão, a vida dos sobreviventes, como a cidade ficara, bem como a distância que se encontravam referente ao centro da explosão. E assim, sem dúvida, a cidadania se faz presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados referentes ao campo de Jornalismo e da Literatura e suas convergências, assim como a linha tênue que as une, utilizando de critérios do Jornalismo tradicional com técnicas da Literatura, dando nascimento ao livro-reportagem, romance-reportagem, assim como o início nos folhetins, nota-se o que conhecemos hoje como Jornalismo Literário. A influência do New Journalism para o nascer de novas formas de se produzir Jornalismo.

O livro-reportagem mostra-se um exercício investigativo, em que a apuração aprofundada é primordial, assim como a observação aguçada da realidade, capacidade interpretativa, uma sensibilidade, domínio e linguagem e uma escrita criativa e estilosa.

Na obra de Hersey, mesmo não apresentando muitos dados, sendo que o predominante é o depoimento dos sobreviventes, a descrição minuciosa, não torna o trabalho inverossímil, não reduz a credibilidade do texto. O leitor consegue entender o que se passou no dia da explosão, as sequelas dos sobreviventes. Hersey partiu de um fato, aliás, um grande e desastroso



fato e, a partir disso, constrói uma obra literária que se inicia nos moldes do Jornalismo tradicional e aflora para a Literatura, havendo um hibridismo, sendo a narrativa a base desses dois gêneros, que se fazem sentido no texto e dão fruto ao Jornalismo Literário.

De acordo com as características apresentadas, o autor consegue suprir muito mais que as perguntas do *lide*, criando uma imagem cinematográfica com detalhes, permitindo ao leitor vivenciar, mesmo que de forma literária, os acontecimentos desde que ocorrera o lançamento da bomba até os quarenta anos depois. A narratividade se faz presente no texto de Hersey, mesmo não seguindo uma ordem cronológica dos fatos. O leitor consegue entender o todo sob a perspectiva dos seis sobreviventes, sendo possível por meio da narratividade e dos recursos estilísticos, um texto criativo, com cenários e de acordo com o perfil do autor, possibilitando que a leitura fuja dos padrões da gramática normativa e do jornalismo tradicional e isso é evidenciado na obra.

A união do Jornalismo e Literatura permite ao leitor uma visão ampliada do que acontece no dia a dia. Com os recursos da Literatura, torna um texto mais trabalhado, diferenciado, fugindo dos padrões, dando forma ao que conhecemos como Jornalismo Literário.

## REFERÊNCIAS

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura e convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: Leitura e Redação**/ José Luiz Fiorin, Francisco Platão Savioli. – 17.ed. – São Paulo: Ática, 2007.

HERSEY, John, **Hiroshima**. Tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo Produção, ética e internet**. Ed. ampus, 2002.

NASCIMENTO, Patrícia Colim do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. Vol. 2. São Paulo. Saraiva, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**/ Felipe Pena. – São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 8 ed. [S.l.]: Brasiliense, 1992.

ROCHA, Maria Regina. **Figuras de linguagem**. 24 de abril de 2001. Não paginado. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscteiuk.pt/consultorio/perguntas/recursos-estilisticos/7289>>.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: Problemas e Técnicas da Produção Oral e Escrita**. São Paulo, 2002. Edição em Português.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 ed. Lisboa: Presença, 1995.

ZOLA, Émile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.